



## **Tecendo memórias: Cidade das Frutas x Cidade das Águas**

Lucia Elena Pereira Franco Brito<sup>\*</sup>  
Ananda Maria Garcia Veduvoto<sup>\*\*</sup>

O município de Frutal, localizado no Triângulo Mineiro, na bacia hidrográfica do rio Grande, foi palco, a partir dos anos 2000, de intensa movimentação, cujo marco mais significativo consistiu na instalação, em 2009, do Hidroex – Fundação Centro Internacional de Educação, Capacitação e Pesquisa Aplicada em Águas, sob os auspícios da Unesco.<sup>1</sup> A elite política estadual e local aplaudiu a iniciativa do governo de Minas Gerais, à época comandado por Antônio Anastasia, com o argumento de que se tratava de um projeto de modernização, que transformaria Frutal, então nomeada *Cidades das Águas*, numa referência para a preservação do patrimônio hidrológico da América Latina e das nações africanas de língua portuguesa.

No mesmo período, verificou-se, na cidade, o estabelecimento da educação superior, destacando-se a abertura da FAF (Faculdade de Frutal) e de um Campus da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Ao lado disso, o surgimento de novos loteamentos, condomínios e bairros conferiram uma imagem diferente ao espaço urbano local. Também o cenário rural passou por modificações, em decorrência da inauguração de duas usinas de açúcar e álcool, que promoveram a substituição da prática de pequenos cultivos pelo arrendamento de terras para as agroindústrias, com a consequente transformação das paisagens anteriores em quase infindáveis canaviais. Em virtude de toda essa dinâmica, novos atores sociais entraram em cena: estudantes, em busca da formação em nível superior; e migrantes, de modo geral, à procura de novas oportunidades de emprego.

Simultaneamente às alterações descritas, ocorria uma espécie de despertar do interesse dos moradores locais por sua história. Iniciativas aparentemente dissociadas – a abertura do Arquivo Público Municipal (2007), comemorações do aniversário da



cidade e uma considerável publicação de trabalhos de memorialistas<sup>2</sup> –, observadas com um olhar mais atento, revelavam mais do que um esforço de registro e preservação da história. Tornava-se possível perceber que memórias diversas e sujeitos de múltiplas identidades entravam em disputa pela primazia de representar a memória coletiva local, no momento em que novos valores e sentidos movimentavam a cidade. Nessa perspectiva, a fala de um antigo morador, ao ouvir pelo rádio o lançamento da construção da Cidade das Águas, foi instigante e inspiradora: “Uai! Frutal era cidade das frutas... Agora é cidade das águas?”<sup>3</sup>.

Considerando-se que os antigos moradores de um lugar são sempre portadores da memória das transformações ocorridas, carregam consigo imagens de temporalidades e espacialidades que, aos poucos, vão sendo alteradas, tornou-se relevante abrir-lhes um espaço de escuta para pesquisar sua percepção da cidade e das mudanças mais recentemente empreendidas. Nessa perspectiva, através da realização de entrevistas, moradores antigos foram convidados a trazer à tona sua memória da cidade: *O que você sabe sobre o início da história de Frutal? Por que o nome Frutal? Como era a cidade na sua infância? Existiam muitas árvores? Existiam muitas frutas nativas? Como era a água no seu tempo de criança? Como era obtida água pra beber?* Indagações como estas serviram para estimular o depoente a rememorar. Conforme as lembranças afloravam, os entrevistados relatavam situações que viveram ou ouviram contar. Entretanto, como postula Jacy Seixas, não se pode esquecer que:

A memória age ‘tecendo’ fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos [...], mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como ‘realmente’ aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido ‘ao mesmo tempo no passado e no presente’ – a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória (SEIXAS, 2004, p. 51).

Relembrando, desenhavam-se em suas falas representações acerca das origens da cidade; paisagens de Frutal no tempo em que eram crianças; a relação construída entre as pessoas e a natureza, a constatação das modificações, a saudade do tempo que não volta mais. Nesse sentido, é importante também lembrar, na esteira de Roger Chartier (2010, p.26), que “toda representação *representa* alguma coisa” (dimensão



transitiva); assim como toda “representação *se apresenta* representando alguma coisa” (dimensão reflexiva). Nas palavras do autor,

Representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes fosse exterior. Elas possuem uma energia própria que convence de que o mundo, ou o passado, é realmente aquilo que dizem que é. Produzidas em suas diferenças pelos distanciamentos que fraturam as sociedades, as representações, por sua vez, as produzem e reproduzem (CHARTIER, 2010, p. 26).

Para os limites do presente artigo, foram selecionadas passagens de três entrevistados, com o objetivo de revelar o potencial das fontes geradas pela pesquisa. Em um primeiro momento, buscou-se analisar como cada um dos entrevistados relata as origens da cidade e a escolha do nome da localidade. Em seguida, a intenção foi compreender como são lembrados os tempos de criança e a relação estabelecida com a natureza, principalmente com a água – tema em evidência em função da enunciação de que Frutal se converteria em *Cidade das Águas*. O objetivo último foi observar como os depoentes percebem as alterações ambientais em Frutal. A escolha dos três entrevistados não se deu de forma aleatória. Foram selecionados por serem, cada um deles, descendentes de pessoas que tiveram participação direta na formação do povoado, ocupando lugares sociais diferenciados.

Vários registros sobre as origens do município de Frutal dão conta de que moradores da cidade de Franca (SP), teriam se estabelecido na região no ano de 1835, dando início à construção dos primeiros ranchos do povoado. Esta é a visão de Bolivar de Paula e Silva<sup>4</sup>, agropecuarista, então com 89 anos, e tataraneto daquele que é reconhecido, pela história oficial, como fundador da cidade:

A família Paula e Silva é originária de Tiradentes, São José dos Campos de Congonhas e de Oliveira, de Minas Gerais, e se transferiram pra Franca, que é a cidade Franca do Imperador. Residiram lá; Antônio de Paula e Silva, se não me engano, 7 ou 8 anos, e depois transferiu pra Frutal, fundando a cidade. Chegou aqui tinha só um ranchinho de capim. Ele construiu... junto com os filhos e com mais alguns parentes, começou a cidade em 1835 [Bolivar de Paula e Silva].

Bolivar declara que o *ranchinho de capim*, que existia antes da chegada dos Paula e Silva, às margens do ribeirão São Bento, servia como “pouso para o pessoal que vinha de Goiás”. Dessa forma, reconhece apenas que a região já era ponto de passagem,



mas destaca o pioneirismo da família na ocupação do lugar. Indo além, faz questão de evidenciar a diversidade de frutas nativas no terreno escolhido para a fundação do povoado – o que teria influenciado, inclusive, na escolha do nome da localidade:

[...] chegaram aqui... achou o terreno tão próprio, tão bom, com muita vegetação, muitas frutas silvestres e resolveram de cara pôr o nome de Frutal, e tinha toda qualidade de fruta. Inclusive, até pouco tempo tinha muita... murici, jatobá, mangaba, cajuzinho do campo [...] Principalmente tinha fruta jabuticaba silvestre, tinham enormes pés, tinha bosque de jabuticaba silvestre. Inclusive eu tive o prazer de conhecer o bosque de mais ou menos quinhentos metros de jabuticaba e que era o que eles davam o nome aqui de fruta, não tinha o nome de jabuticaba [Bolivar de Paula e Silva].

Além de enfatizar a variedade de frutas, a natureza, de modo geral, aparece, na fala de Bolivar, romantizada: farta e apropriada para a intenção do fundador: “terreno tão próprio; tão bom; muita vegetação”. Assim, os recursos naturais justificariam a escolha do lugar feita por seus antepassados para se erguer a futura cidade. A própria definição do nome do povoado vem associada à suposta presença da jabuticaba, aqui chamada simplesmente de *fruta* – daí Frutal.

O depoimento de Antônio Diniz<sup>5</sup>, pedreiro aposentado, 82 anos, aproxima-se da fala de Bolivar, quando menciona a riqueza frutífera do lugar e sua relação com o nome da cidade:

Frutal tomou o nome de Frutal por causa de fruta, ali para o lado do Brejinho [...] ali era uma mata. Toda fruta que tinha, existia ali. Eu não vi, não. Mas gente que conheceu contava para gente da família [Antônio Diniz].

Antônio Diniz menciona, contudo, que, antes mesmo da chegada dos Paula e Silva, seus familiares, indígenas possivelmente vindos da cidade de Miranda (MS), já haviam se estabelecido nas terras do futuro município de Frutal, na região conhecida como *Capoeira dos Bugres*:

Eles eram de Miranda. [...] naquela época, não se sabe por que *eles veio*. Todos eles diziam que, quando *veio* para cá, não existia gente. [...] Cada um tinha sua casa... *tinha* seus ranchos. Depois foi casando, foi cruzando o branco com os índios. Minha mãe, por exemplo, era branca e o pai era índio [Antônio Diniz].<sup>6</sup>

A existência da Capoeira dos Bugres também foi mencionada por Bolivar. Porém, herdeiro da tradição dos fundadores oficiais, sua descrição vem carregada de um



olhar que diferencia, separa, organiza o espaço a partir de sua inserção na história da cidade:

A Capoeira do Bugre é hoje onde é o Boa Vista, o bairro da Boa Vista. Ficava acima da mansão do Adalberto Queiroz [...] Um eu cheguei a conhecer, Joaquim Bugre, ele deixou um herdeiro bugre. A cidade em si era mais aqui, no centro, e tinha uma divisão de casta: os bugres do lado de lá do córrego [Vertente Grande] e, do lado do outro córrego, do Brejinho, ficava a parte mais... hoje, eles falam favela, né? A parte mais pobre da cidade com a maioria de negros [Bolivar de Paula e Silva].

Fica evidente que os *bugres* e os *negros* estariam fora do espaço reconhecido por Bolivar como correspondente à *cidade em si*. Delfino Conceição Teixeira<sup>7</sup>, 65 anos, que residiu por toda a vida no local conhecido por Brejinho, também se recorda da existência dos três bairros destacados. Assim descreve a espacialização da cidade:

O Bairro Brejinho é um dos bairros mais antigos da cidade. Nós morávamos ali no bairro do Mangueirão, agora é centro [...] Mangueirão é por causa das mangueiras, porque tinham duas mangueiras enormes nativas ali, ficava dentro da nossa chácara e ali tinha o bairro Mangueirão. Aí era falada a “Comunidade do Mangueirão”, era o nosso pessoal. O Brejinho estava na divisa, o Brejinho é após o córrego, do outro lado do córrego era o bairro Brejinho. O Brejinho é um dos mais *antiguíssimos* da cidade, hoje é denominado Princesa Isabel. Esse bairro é um dos bairros mais antigos da cidade. Eu me lembro da cidade quando tinha apenas três bairros: Tinha o bairro Brejinho, o Centro e a Capoeira (que é no Alto da Boa Vista). [...] Até uns parentes nossos que moravam lá no Brejinho. As pessoas de poder aquisitivo menor. As pessoas de mais posse moravam no centro da cidade [Delfino Conceição Teixeira].

Embora confirmando a divisão espacial apontada por Bolivar, Delfino demonstra uma visão mais includente de cidade. *Negros* e *bugres* não estão no centro, mas integram a cidade, que resulta dos três bairros: é o espaço total, portanto, e não somente uma das partes. Para Bolivar, a *cidade em si, nossa*, é o espaço central, local privilegiado ocupado pelo grupo que se tornou a elite política e econômica do lugar:

A cidade mesmo aqui, nossa, era composta, naquela época, de três ruas: rua de baixo, rua do meio e a rua de cima. [...] Senador Gomes, é a do meio. A rua de baixo, Antônio de Paula e Silva, do fundador. A rua de cima, Coronel Delfino Nunes, que foi um dos políticos fortes, que ajudou os Paula e Silva na construção da Igreja [Bolivar de Paula e Silva].

Sobre as origens dos primeiros moradores do Mangueirão e do Brejinho<sup>8</sup>, Delfino é enfático:



A fazenda Douradinho está ali perto de [ribeirão] São Bento da Ressaca. É uma região que tinha um quilombo e tinha umas propriedades, vários negros ali. Ao longo do tempo, eles foram vendendo e acabou, não existe mais. Existe a fazenda, mas os negros de lá vieram tudo para a cidade. [...] Nós somos descendentes de Quilombo lá de Douradinho [Delfino Conceição Teixeira].

No que diz respeito às frutas, também para Delfino a jabuticaba desempenharia papel importante na definição do nome do lugar:

A jabuticaba era nativa da nossa região [...] lá nas margens do ribeirão Frutal, próximo ali à faculdade, ali era cheinho de frutas. Ali tinham muitos pés de jabuticaba, ali onde está o HidroEX hoje. Naquela região ali, tinham muitos pés de jabuticaba, goiabinha do campo, [...] tinham muitas frutas por ali. Foi isso denominou *o nome* da cidade de Frutal. Porque tinham muitas frutas ali, era fruta da jabuticaba, que era nativa [Delfino Conceição Teixeira].

Quando indagados sobre as águas da cidade, apenas Bolivar, sempre assumindo o papel de porta-voz da memória oficial da cidade, se lembra de que, no passado, o município de Frutal incluía um território muito maior do que possui hoje e isso lhe assegurava grande riqueza em água:

Quando foi criado, o município de Frutal pegava na Nova Esplanada, que hoje é Planura, e aí até Porto Alencastro, até a divisa de Goiás, Paranaíba. Então Frutal era muito bem servido de água, porque pegava toda margem do Rio Grande e uma parte do Paranaíba [...] E não é só o rio, porque eu vou dar um exemplo: numa terra que hoje até ficou pra mim [...] papai tinha várias escrituras, mas tem uma de 500 alqueires que é a Usininha. Dentro dessa Usininha de 500 alqueires tinham sete córregos, para você ver como Frutal é servido de água. [...] os córregos lá dentro tinham o Marimbondo, tinha a Ponte Nova, Açoita Cavalo, o Palmito, o Palmitinho, a Serrinha e as Três Barras [Bolivar de Paula e Silva].

Dos três entrevistados enfocados, Bolivar foi o único que residiu por certo tempo fora de Frutal, tendo se mudado para o interior do estado de São Paulo, aos dez anos de idade, para dar prosseguimento aos estudos. Durante a gravação do depoimento, fazendo questão de enaltecer a riqueza hídrica do município, ele se lembrou, contudo, de passagens de sua primeira infância. A água aparece, então, não como um bem, um símbolo da importância da cidade de seus antepassados, mas como o lugar da brincadeira. Assim, suas reminiscências o remetem ao *poção*, um local de água limpa, usado pelas crianças como uma espécie de piscina natural.



#### IV Semana de História do Pontal

#### III Encontro de Ensino de História

##### POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA

##### *na pesquisa e no ensino de História*

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal

29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



O poção era a piscina nossa, era ali pra lá do asfalto, em um terreno que hoje era do Necésio, passou para o filho, o filho vendeu e não sei de quem é hoje. Acabou o poção, o poção era muito fundo, bonito, uma piscina natural e nós íamos para lá nadar. [...] Ia com nove anos, dez anos [Bolívar de Paula e Silva].

É importante perceber que ele faz questão de registrar que o poção não mais existe. Um pouco mais à vontade, Bolívar relata um episódio vivido nas águas do poção, com detalhes divertidos. Nesse momento, o portador da memória oficial dos *fundadores* sai de cena e cede lugar ao menino Bolívar, testemunha dos apuros de um amigo:

Uma vez eu fui com o Ney Machado e o Chico. Nós éramos ligados demais e o senhor Antônio Machado era muito severo. Ficou sabendo que nós estávamos no poção e foi lá, pegou a roupa do Ney, porque lá nós ficávamos igual índio, nadava sem nada. Na hora que ele chegou, conseguiu pegar a roupa do Ney e veio embora. E o Ney: *Como é que eu faço agora?* Atravessamos a Capoeira dos Bugres, ali ele nu... Eu me lembro disso quando criança [Bolívar de Paula e Silva].

Delfino também, quando interrogado sobre o assunto, se lembrou das águas como um lugar de brincadeiras na infância, citando, inclusive, outros locais além do poção:

Ia muito à beira do córrego. Naquela região onde está a COPASA, antes da captação, ali era o lugar que a gente ia nadar, tomar banho [...] nadar e brincar. E também tinha o córrego Marianinho, era um pouco mais distante, a gente ia muito pra lá também. [...] Esse poção está ali perto da região do Jaó, mais ou menos. Perto do Jaó tem um córrego que desce ali, deságua no ribeirão Frutal. É o córrego do Jaó, ali tinha um poção. Iam muito lá. Era local de banho, né? Tinham muitos poços, esses córregos todos aí tinham poços [Delfino Conceição Teixeira].

Já para Antônio, o lugar da infância aparece representado, em suas lembranças, como *bonito*. A beleza é associada à presença de uma natureza quase intacta, muito próxima, ao alcance de todos, incluindo a água, limpa e abundante:

Era bonito, isso aqui era tudo mato [...]. Tudo mato, esse *corgo* aqui... eu saía com meu pai para pescar, precisava pegar um facão, para entrar na beira do *corgo*. [...] A gente ia lá, pegava peixe bastante. [...] Tinha o pirapitinga, que eles *fala*, o piau, bagre, o traíra. [...] Aqui tinha, quer ver: tinha jequitibá, aroeira, balsaminho, amarelinho, óleo, jatobá, pitanga, guapeva, tudo madeira de lei. Essas coisas que eu falei *pro'cês*. Ali era tudo nativo, jabuticabeira aqui era tudo nativo... nossa aqui. [...] Nadavam, tinha uma cachoeira ali. É, estendendo a [rua] Belo Horizonte aqui. [...] Ali era um poço limpinho, tudo



de pedra, eu tenho um retrato de lado de lá com os meus meninos lá na cachoeirinha [Antônio Diniz].

Bolívar lamentou a falta de preservação da memória da cidade, que resultou, por exemplo, na substituição do antigo coreto da praça central por uma fonte luminosa. Demonstrou tristeza também quando narrou a destruição de uma grande extensão de pés de jabuticaba, ocorrida por volta de 1945.

[...] no caminho da fazenda que continuava, a gente passava do outro lado do [córrego] Marimbondo, tinha esse bosque de mais ou menos quinhentos, seiscentos metros, que foi criminosamente demolido por proprietários da terra pra plantar arroz. Foi o maior incêndio que teve. [...] Elas eram fonte de passeio das famílias na época da jabuticaba [Bolívar de Paula e Silva].

É importante destacar, contudo, que os depoentes Antônio e Delfino são mais enfáticos quando comentam as mudanças ocorridas em Frutal, dando destaque às alterações ambientais, principalmente no que se refere à qualidade e quantidade de água. Problemas como assoreamento e poluição são constatados e associados às estratégias capitalistas de crescimento. Nas palavras de Delfino,

Tinha, tinha muita água. Agora está tendo problema de assoreamento. Os produtores rurais não estão cuidando, né? É uma preocupação muito grande com as nossas nascentes. [...] Todas as fazendas tinham suas reservas, as beiras de córregos, as cabeceiras, as nascentes, eles preservavam mais... havia mais consciência das pessoas antigas. Hoje em dia, com a preocupação do capitalismo, todo mundo quer produzir mais, quer ganhar mais e não está tendo esse cuidado. Então, precisa ter fiscalização em cima, ficar em cima e tem que cobrar. Se não, vão acabar com todas as nossas nascentes [Delfino Conceição Teixeira].

Observa-se que Antônio faz questão de apresentar sua infância como livre, vivida no meio do mato, servindo-se do que a natureza pródiga tinha a oferecer, na forma de pescarias, caçadas, frutas nativas em abundância. Em várias passagens de seu depoimento, faz questão de se referir à água do entorno da Capoeira como *clarinha*, *limpinha*.

Esse *corgo* daí, antigamente, podia tomar água dele. [...] Podia, nós *pescava* lá, era *clarinha* a água dele. Mas depois... Antigamente, não tinha banheiro, não tinha vaso, essas coisas. Não! Era tudo privada no buraco, *tinha* as casinhas. Aí, depois, que eles *fez* o banheiro, jogou o esgoto no *corgo*. Aí estragou tudo, estragou a água. [...] Ih, agora não. Agora emendou o ano, né, só. Antigamente, *era* só agosto e setembro de seca, né? Chovia tudo, agora não, agora não chove mais, acabou. Mas o que eu *tô* achando que acabou



com a chuva nossa aqui é essas represas, acabou com as *mata* [Antônio Diniz].

É justamente Antônio que usa o adjetivo *estrangada* para se referir às águas de Frutal no tempo presente. Além disso, fornece pistas para se pensar a questão ambiental para além dos limites do município, quando demonstra preocupação com a redução da quantidade de chuvas, apontando como causa o desmatamento, associado, em sua fala, à construção das represas – o que nos remete às hidrelétricas que foram construídas nos anos 1950, no rio Grande.

### **Considerações finais**

O trabalho com a memória de antigos moradores, além de não nos aprisionar no passado, conduz-nos com maior segurança para o enfrentamento dos problemas atuais (SIMSON, 2000). No decorrer da análise, o que se buscou não foi a exatidão dos fatos, mas as representações tecidas nesse rememorar do passado provocado por questões do presente.

Foi possível constatar um apurado senso de observação dos entrevistados, sendo que Antônio e Delfino se destacaram na crítica aos processos antrópicos que levaram ao comprometimento dos recursos naturais locais, sobretudo os hídricos. Os dois entrevistados correlacionaram diretamente o desmatamento, a poluição, o uso e ocupação inadequados do solo com o comprometimento da qualidade dos cursos d'água – o que, em última instância, implica em questionar as estratégias de crescimento típicas do capitalismo. Evidentemente que incorporaram em suas lembranças demandas postas pela contemporaneidade, o que demonstra que a memória não é estática, mas é reelaborada em processo de diálogo com o tempo presente.

Curiosamente, no momento mesmo em que, nos discursos empregados pela elite local e estadual, Frutal se tornava exemplo na preservação dos recursos hídricos, por meio das lembranças (re)construídas, os entrevistados clamavam por atenção às águas de Frutal, fornecendo pistas para as gerações atuais exigirem – mais do que propostas



bem intencionadas, porém inócuas – o questionamento das bases sobre as quais se ergue o modelo hegemônico de desenvolvimento social.

## Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, D. M. de. O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: NEGRO, A. L.; SOUZA, E. S.; BELLINI, L. (Orgs.). *Tecendo Histórias. Espaço, política e identidade*. Salvador: EDUFBA, 2009.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*. vol. 24, n. 69, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000200002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 out. 2016.

LOURENÇO, L. A. B. A *Oeste das Minas*. Escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista, Triângulo Mineiro (1750-1861). Uberlândia: EDUFU, 2010.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, M. S.; NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2004. p. 37-58.

SIMSON, Olga Rodrigues de M. von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. In: FARIA FILHO, Luciano M. de. (Org.). *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas, SP: Universidade São Francisco, 2000. p. 63-74.

\* Doutoranda em História – UFU. E-mail: <[luciaelenafb@gmail.com](mailto:luciaelenafb@gmail.com)>.

\*\* Doutoranda em Geografia – Unicamp. E-mail: <[ananda.veduvoto@gmail.com](mailto:ananda.veduvoto@gmail.com)>.

<sup>1</sup> A Fundação Hidroex foi extinta pelo atual governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel, por meio da Lei n. 22.291, publicada em 19 de setembro de 2016.

<sup>2</sup> Dentre as várias publicações, destacam-se aqui *Original História de Frutal*, de Jeová Ferreira (2002); *Respingos de História*, de Terezinha Lamounier (Volumes I, II e III, publicados respectivamente em 2003, 2006 e 2009); e a obra póstuma de Ernesto Plastino, *Apontamentos Históricos de Frutal* (2003).

<sup>3</sup> O morador em questão é Geraldo Brito Franco, então com 80 anos de idade, pai da pesquisadora Lucia Elena Pereira Franco Brito.

<sup>4</sup> Bolívar de Paula e Silva. Entrevista concedida, em 27/01/2012, ao Projeto História e Cultura da Água em Frutal, integrante do Programa Água pra Toda Vida, desenvolvido pelo Centro UNESCO-Hidroex.

<sup>5</sup> Antônio Diniz. Entrevista concedida, em 16/03/2012, ao Projeto História e Cultura da Água em Frutal, integrante do Programa Água pra Toda Vida, desenvolvido pelo Centro UNESCO-Hidroex.



**IV Semana de História do Pontal  
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA  
na pesquisa e no ensino de História**

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal  
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

**ISSN: 2179-5665**



<sup>6</sup> A descrição feita por Sr. Antônio remete às colocações de Lourenço (2010) sobre a acomodação entre indígenas e roceiros no povoamento do Triângulo Mineiro, ocorrido a partir de 1730.

<sup>7</sup> Delfino Conceição Teixeira. Entrevista concedida, em 19/09/2012, ao Projeto História e Cultura da Água em Frutal, integrante do Programa Água pra Toda Vida, desenvolvido pelo Centro UNESCO-Hidroex.

<sup>8</sup> Mangueirão e Brejinho foram locais originalmente povoados, em sua grande maioria, por população negra. Na verdade, o Mangueirão não chegou a se constituir como um bairro, sendo uma extensão do Brejinho, que ficava na margem oposta ao córrego de mesmo nome.